Brasil defende soberania na Amazônia

Quito (UPI) — Os chanceleres e vice-chanceleres dos oito países amazônicos — Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Venezuela e Suriname — que iniciaram ontem uma conferência de três dias em Quito, a capital equatoriana, afirmaram que desejam o desenvolvimento dessa importante região da América do Sul sem prejudicar seu meio ambiente.

Os representantes também concordaram em que os oito países não podem abrir mão da soberania na Amazônia ante supostas tentativas de internacionalização da região.

O secretário geral do Itamaraty, Paulo Tarso Flecha de Lima, afirmou que o Brasil recebeu críticas por estar supostamente destruindo a selva amazônica, mas acrescentou que "o governo respondeu dizendo que essas acusações são parte de uma campanha para impedir a exploração de seus recursos naturais e evitar que o país se transforme numa potência mundial".

Flecha de Lima está representando o ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré, na III reunião de Chanceleres dos Países Signatários do Tratado de Cooperação Amazônica, instrumento criado há 10 anos pelos governos da região.

O diplomata brasileiro afirmou que o Brasil "não pode ceder sua soberania", declaração esta que foi interpretada como resposta às críticas formuladas por defensores da ecologia a exploração da região amazônica.

O chanceler da Venezuela, Enrique Tejera, afirmou por sua vez que "o problema ecológico não deve incidir na soberania dos países", acrescentando que "muito se pode fazer em matéria de ciência e de conservação" na região.

Já o ministro das Relações exteriores do Peru, Guillermo Larco, disse que é necessário fortalecer o acordo firmado pelos oito países amazônicos.

Sobre a reunião de Quito, que será encerrada na quarta-feira, o chanceler peruano declarou: "Nosso objetivo é continuar com tudo aquilo que propicie o desenvolvimento da Bacia Amazônica, a preservação do meio ambiente e, através disso, a integração dos países que assinaram o tratado de cooperação amazônica".

O vice-chanceler da Bolívia, Carlos Gonzalez, afirmou que seu país está disposto a apoiar as propostas que forem apresentadas para fortalecer o tratado.

A necessidade de fortalecer a unidade entre os oito países amazônicos também foi citada ontem pelo ministro das Relações Exteriores do Equador, Diego Cordovez, ao afirmar: "Através de ações conjuntas podemos obter um melhor aproveitamento das riquezas que existem na região".

Cordovez afirmou ainda que, no decorrer da conferência de Quito, os oito países definirão políticas conjuntas que visam a aproveitar as riquezas naturais que existem na Amazônia e a defender a conservação do meio-ambiente na região.

Choque de trens mata 2: Escócia

Glasgow, Escocia (AP) — Dois trens suburbanos chocaram-se ontem de frente nos arredores de Glasgow, com um saldo de pelo menos dois mortos e 44 feridos, informou o serviço escocês de trens.

As autoridades disseram que possivelmente uma pessoa permanecia ainda entre os ferros retorcidos várias horas depois do acidente, o segundo que ocorre na Grã-Bretanha em 48 horas.

Willie Caldwell, porta-voz da companhia estatal de trens, disse que os feridos estavam fora de perigo e muitos foram liberados depois de um rápido atendimento no local do acidente.

Os dois trens que se chocaram ontem iam em direções opostas entre os subúrbios de Springburn e Milhgavie quando colidiram à 1:00 h (13:00 gmt) perto da estação Bellgrove, a três quilômetros a leste do centro de Glasgow.

Os dois trens levavam cerca de 70 passageiros e iam a uma velocidade de 45 quilômetros por hora, informaram as autoridades.

Cinco pessoas morreram sábado e outras 94 ficaram feridas em um choque de trens nas proximidades do setor sul de Londres.

Finanças do Vaticano em estudo

Cidade do Vaticano (AP) — Um comitê especial de cardeais começou ontem uma reunião de três dias para tratar de questões financeiras da Igreja, como parte dos esforços do Vaticano para reduzir seu déficit orçamentário.

O Vaticano anunciou em outubro passado que seu déficit em 1987 foi de quase 64 milhões de dólares, e que era provável que em 1988 o déficit registre um aumento de três por cento.

Segundo indicou-se, o Vaticano cobriu o déficit com as contribuições anuais que os católicos brindam ao papa, e com fundos de reserva.

O comitê especial, denominado oficialmente "conselho de cardeais para o estudo da organização e problemas econômicos da Santa Sé", emitiu em 1988 um apelo para que os fiéis aumentem suas contribuições.

O conselho é integrado por cardeais da Argentina, Brasil, Burkina Faso, Canadá, Espa-

Jovens palestinos incendeiam pneus durante uma greve geral na Faixa de Gaza.

Israel suspende toque de recolher em Nablus

Jerusalém (UPI) — O Exército de Israel levantou ontem um toque de recolher que vigorou durante 10 dias em Nablus, a maior cidade da margem Ocidental ocupada, mas a lojas permaneceram fechadas enquanto a população palestina observava uma greve geral em protesto contra a suspensão das aulas nas escolas da região pelas autoridades militares.

Na faixa ocupada de Gaza, fontes palestinas informaram que soldados mataram um jovem árabe, de 19 anos, e feriram pelo menos dois durante uma manifestação violenta na aldeia de Beit Lahia.

Um port-avoz do Exército afirmou, em Jerusalém, que as autoridades iniciaram uma investigação para determinar a veracidade da notícia.

Pelo menos quatro palestinos foram baleados e feridos em outros incidentes isolados ocorridos nos territórios, ainda segundo as fontes.

Desde 9 de dezembro de 1987, a data que marca o início do levante palestino contra a ocupação israelense da Margem Ocidental e da Faixa de Gaza, pelo menos 373 árabes e 3 judeus morreram em incidentes violentos.

A greve geral convocada ontem pela liderança clandestina do Levante foi em protesto contra o fechamento das escolas e universidades árabes. As universidades não funcionam desde o início da rebelião, enquanto as escolas têm suas aulas periodicamente suspensas pelas autoridades militares israelenses, que as classificam de centros de agitação e de distúrbios.

Nações debatem camada de ozônio

Londres (UPI) — A União Soviética manteve-se firme, ontem, na conferência sobre o salvamento da camada de ozônio, em sua exigência de mais provas científicas antes que concorde com uma eliminação mais rápida dos produtos químicos ligados ao esgotamento da camada de ozônio protetora da terra, apesar do acordo de outras seis nações para a redução do uso dos clorofluorcarbonos (CFCS).

Vladimir Zakharov, o chefe da delegação soviética à conferência, que reúne 124 nações, voltou a pedir cautela na eliminação dos CFCS e observou que o dano à camada também pode ser devido a causas atmosféricas naturais.

A conferência visa a encorajar um acordo global para a eliminação gradativa dos CFCS, amplamente usados em refrigeração e ar condicionado, aerossóis, solventes de limpeza e espuma.

Trinidad e Tobago, Zâmbia, Filipinas, Malásia, Hungria e a Áustria anunciaram que se juntariam às 31 outras nações que assinaram o Protocolo de Montreal, um acordo internacional para reduzir o uso dos CFCS em 50% até 1998.

A primeira-ministra britânica Margaret Thatcher disse que a conferência não procura negociar acordos compulsórios. Apenas a conjugação de conhecimentos e experiência para melhorar a compreensão do sério problema e abrir caminho para nova ação combinada.

Margaret Thatcher louvou o trabalho do programa de meio ambiente das Nações Unidas, com base em Nairobi, Quênia, e o protocolo.

"Mas muitos países — e isto inclui, certamente, o Reino Unido — está convencido de que precisamos ir adiante e agir com maior rapidez para aceitarmos metas maiores e prazos menores", acentuou. É favorável a uma redução de pelo menos 85% até o fim do século, mas disse que cada nação precisa ver o que pode fazer.

Na semana passada, a comunidade européia, formada por 12 nações, concordou em eliminar todo o uso dos CFCS até o ano 2.000.

Carlo Ripa de Meana, a autoridade mais alta da comunidade na área do meio ambiente, disse domingo que as normas aprovadas pelos ministros da organização precisam ser fortalecidas para abrangerem as exportações dos países da CEE que não assinaram o protocolo.

Gostaria que a redução de 85% fosse conseguida antes de 1995 e que a eliminação total surgisse em 1996 ou 1997.

O presidente George Bush disse que apoiará uma eliminação gradativa global dos CFCS se existirem alternativas seguras.

Mas Zakharov disse que o protocolo de Montreal não deve ser revisto numa base emocional. A União Soviética quer sólidas provas científicas antes de concordar em acelerar a eliminação dos CFCS.

A busca de sucedâneos para os CFCS causaria muitas dificuldades, inclusive maior investimento e reestruturação de indústrias, frisou.

Espera-se que nações como a China e a Índia se esquivem ao corte no uso dos CFCS, em sua busca de industrialização.

O chefe da agência de proteção do meio ambiente, William Reilly, declarou que os Estados Unidos estão dispostos a partilhar pesquisas e tecnologia com os países em desenvolvimento e a fornecerem assistencia financeira, de modo que também eles possam desfrutar do conforto moderno sem ameaçarem o meio ambiente.

O presidente de Quênia, Daniel Arrap Moi, abriu a conferência, de três dias de duração, alertando que somente uma verdadeira parceria global impedirá que a humanidade danifique o escudo protetor do planeta. A menos que todas as nações tomem medidas urgentes e drásticas para a proibição dos produtos químicos que causam dano ao meio ambiente, o destino da humanidade e de outras coisas vivas estará ameaçado, frisou.

Cientistas dizem que os CFCS sobem para a atmosfera superior e liberam cloro e bromo, que desintegram moléculas de ozônio. Uma equipe britânica detectou uma brecha no escudo de ozônio sobre a Antártica.

Especialistas em saúde alertam que o esgotamento da camada de ozônio permitirá que mais radiação ultravioleta chegue à superfície da terra, causando o aumento da incidência do câncer da pele, danos aos olhos e diminuição da capacidade de combate às doenças, assim como danos à vida animal e vegetal.

Os CFCS também são importantes contribuintes do aquecimento global. O efeito estufa devasta a agricultura mundial. os litorais e as florestas.

"A mensagem está clara: mexemos com as forças naturais do clima para nosso próprio perigo. Não pode haver vencedores nos danos que o homem continuar a infligir a seu próprio e único planeta", observou Moi.

"Aceitemos, nós todos, o fato de que a ameaça à camada de ozônio é um problema global, cujos efeitos desastrosos não conhecem as fronteiras nacionais.